

**PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES EM DESTAQUE NA CAFEICULTURA***PARTICIPATION OF WOMEN HIGHLIGHTED IN COFFEE FARMING*

Ana Luísa Vilela¹
Nelson Delú Filho²

RESUMO

A inserção feminina no âmbito da cafeicultura é conhecida de remotas origens; visto que; atualmente as mulheres ocupam lugares de destaque. Com isso, o presente estudo teve como objetivo reconhecer o papel feminino na cultura do café e ainda, destacar as oportunidades criadas através da empregabilidade feminina. Assim, a metodologia em análise consistiu em entrevistas com 61 mulheres sendo cafeicultoras e engenheiras agrônomas com o intuito de enfatizar a importância e a diferença que as mulheres fazem acontecer na cafeicultura do Sul de Minas Gerais. Ao final da pesquisa evidenciou-se que a maioria das mulheres possuem de 27 a 35 anos, com o ensino superior completo, sendo mães 4 ou mais filhos, atuando com cafeicultoras que vendem na sua maioria seu café para a cooperativa e buscam se qualificar com frequência.

Palavras-chave: Mercado de trabalho; Mulher; Cafeicultura.

ABSTRACT

The insertion of women in coffee farming is known from remote origins; since; Currently, women occupy prominent positions. Therefore, the present study aimed to recognize the female role in coffee culture and also highlight the opportunities created through female employability. Thus, the methodology under analysis consisted of interviews with 61 women who were coffee farmers and agronomists with the aim of emphasizing the importance and difference that women make in coffee farming in the south of Minas Gerais. At the end of the research, it was evident that the majority of women are between 27 and 35 years old, have completed higher education, and are mothers with 4 or more children, working with coffee growers who mostly sell their coffee to the cooperative and seek to qualify with frequency.

Keywords: Job market; Woman; Coffee farming.

¹Bacharelado em Engenharia Agrônoma. Centro Universitário do Sul de Minas – Unis/MG.

²Doutor. Centro Universitário do Sul de Minas – Unis/MG. nelson.delu@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A atuação das mulheres na agricultura não é assunto de alta complexidade, porém com vasto conteúdo a ser catalogado, pois a presença feminina torna-se determinante nesse campo. Faz-se imprescindível destacar a importância feminina, essencialmente na cultura do café, que vem de origens remotas. São as mulheres presença histórica no plantio, colheita e todo o processo de manuseio do café, da lavoura à xícara do líquido à mesa.

O contexto atual, repleto de inovações, requer a necessidade de que a contribuição da mulher passe de mera figuração e assume o lugar de agente direto, uma vez que, em todos os demais setores, a presença feminina alcança destaques iguais ou mesmo superiores, em segmentos antes de total prevalência masculina.

No desenvolvimento deste estudo espera-se desenvolver perspectivas à luz da literatura pertinente, aliada a pesquisas de campo que lancem novos olhares e ofereçam subsídios para que os avanços que se vivencia nas áreas tecnológicas, digital e outras, sejam objetos de implementação para que as mulheres utilizam com o seu toque particular e diferenciado, contribuição ao setor do agronegócio e sejam capazes de se firmar em uma carreira almejada e obtendo sucesso pessoal e coletivo.

Objetiva-se, portanto, a análise da participação das mulheres em destaque na cafeicultura, visando, reconhecer o papel feminino na cultura do café e ainda, destacar as oportunidades criadas através da empregabilidade feminina.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Participação da mulher no agronegócio

No cenário atual, a presença da mulher no mercado de trabalho é levada à tona por diversas transformações em vários setores, principalmente ligados ao agronegócio, onde o aumento de mulheres neste ramo aumenta gradativamente. Por esse viés, mesmo que as mulheres ainda estejam em menor porcentagem em relação aos homens neste mercado elas estão à frente de muitas organizações envolvidas na agropecuária, agro serviços, agroindústrias e inúmeras organizações envolvidas neste âmbito (Cepea, 2018).

Estudos sociológicos apontam as associações de trabalho femininas comparadas ao capitalismo e a divisão de gênero. Por conseguinte, o padrão do capitalismo se faz presente pela desigualdade econômica na sociedade menos favorecidas caracterizando pela falta de oportunidades trabalhistas ainda mais para as mulheres. No mesmo modelo, a comparação entre os gêneros mesmo que menor nos dias atuais ainda é um fator de impedimento para a introdução

direta das mulheres na produção rural e pela conquista de espaço (Vidal, 2011).

Em outro plano, apesar dos obstáculos as mulheres estão constantemente em evolução e buscando o seu espaço. De acordo com dados do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) as mulheres administram 30 milhões de hectares no país, sendo esses totalizando uma porcentagem 8,4% da área. E, além do mais, elas administram basicamente 1 milhão de empreendimentos ligados a setores do agronegócio (Sebrae, 2022).

Por certo, as comparações de gênero e econômicas não ganham relevância, visto que, o papel que a mulher introduz dentro do agronegócio é infinitamente maior comparado às dificuldades. Assim, o destaque das mulheres no setor do agronegócio do Brasil é indispensavelmente pelo domínio e capacidade de campo dentro desse vasto setor (Sebrae, 2022).

2.2 Início da participação das mulheres na cafeicultura

A infância das mulheres do café é lembrada como um período “dentro da lavoura”. Lugar onde brincaram e principalmente aprenderam sobre esse ambiente, sobre o sistema de manejo, observando suas mães e avós, que, trabalhando, mantinham as crianças por perto e sempre dando a devida atenção. (Fontenele et al, 2017). Contudo, elas sempre estiveram introduzidas na cafeicultura mesmo que na maioria das vezes antigamente elas faziam apenas o trabalho mais cauteloso seja da colheita ao terreno.

Com isso, o protagonismo da mulher na cafeicultura no passado era insignificante pois, elas não eram notadas, seus trabalhos apenas complementam o que os homens faziam (Bastos, 2019). Dessa forma, em uma nova fase, novo século e novas tecnologias, a mulher vem conquistando o seu espaço e demonstrando o seu devido valor na cafeicultura brasileira (Zenith et al, 2019).

No livro “Mulheres do café” publicado no ano de 2017 uma parceria com a EMBRAPA CAFÉ, IWCA E MAPA as demais autoras apresentam histórias de vida marcadas pelo café e a verdadeira fase de introdução de cada mulher, processo esse relativo a todas as cafeiculturas. Desse modo, o objetivo do livro se dá pelo reconhecimento feminino no setor cafeeiro (Bastos, 2019).

2.3 Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA)

A Aliança Internacional das Mulheres do Café traduzido no inglês, IWCA (International Women’s Coffee Alliance) é uma composição de mulheres produtoras de café no mundo,

fundada no início do século XXI em uma conferência de mulheres nos Estados Unidos. Após a assembleia, foi criada essa aliança, onde, vários países foram se juntando ano após ano, hoje, já são somados 22 países em toda essa aliança. A missão, após sua criação e até nos dias atuais é a criação de vidas significativas e sustentáveis para as mulheres do mundo inteiro (Iwca, 2013).

2.3.1 Participação do Brasil na IWCA

O Brasil faz parte desse comitê desde 2012, mais especificamente no dia 06 de outubro, sendo uma aliança sem fins lucrativos. O principal objetivo da IWCA no país é a representação de todas as mulheres do café, não havendo exceção, empoderando e oferecendo oportunidades sendo pontes para a criação de conexões, capacitações e gerando oportunidade de negócio de acordo com a questão desejada da cafeicultora. Para que seja uma organização completa a IWCA focaliza na troca de conhecimentos, disponibilizando palestras e treinamentos tanto presenciais quanto online como se foi visto na era do COVID 19, representação no quesito nacional e internacional, expande o negócio das mulheres e reduz a distância de mercado facilitando o acesso de todas mulheres (Iwca, 2022).

2.4 Empreendedorismo feminino

Após o processo de industrialização, o Brasil passou por um salto na economia, onde questões sociais abordadas como a desigualdade de gênero devido ao fato da introdução do empreendedorismo no país foi um grande facilitador para que as mulheres pudessem inserir tranquilamente no mercado de trabalho seja em qualquer tipo de negócio (Barreto, 2014).

É notório que, quem empreende geralmente mantém certa liberdade para abertura de um negócio, mas, as mulheres mantêm um padrão muita das vezes por necessidade, complemento de renda e até mesmo ser independentes financeiramente. De acordo com dados da Rede Mulher Empreendedora (RME) cerca de 53% das empreendedoras brasileiras são mães, fator extremamente relevante para a comprovação de que as mulheres estão sempre construindo seus caminhos de acordo com as necessidades e oportunidades (Reis, 2023).

De acordo com dados da pesquisa Serasa Experian, o principal motivo para que as mulheres empreendem é a liberdade financeira sendo 40% delas com a vontade de adentrar ao empreendedorismo no país e complementar, o segundo motivo para as mulheres são de que (29%) defendem a flexibilidade de tempo, seguido (24%) para aquelas que cogitam apenas por ter uma renda extra e (21%) e ganhar ainda mais (20%) (Reis, 2023).

2.5 Liderança feminina na cafeicultura

Em uma década, a participação da mulher no agronegócio do estado de Minas Gerais alavancou 46%. De acordo com o último Censo Agropecuário, realizado pelo (IBGE). Em 2006, eram 59,3 mil estabelecimentos agropecuários liderados pelo gênero feminino no estado. Em 2017, o resultado foi completamente surpreendente representando a 86,7 mil. Por esse viés, o aumento de mulheres na liderança foi de 28%, entre 2006 e 2017 (Ibge, 2017).

No mesmo plano, as pesquisas vigentes do Instituto Brasileiro de Geografia apresentaram 304,5 mil estabelecimentos com café sendo 264,2 são dirigidos por homens e 40,3 por mulheres. Contudo, em estabelecimentos dirigidos apenas por mulheres são: 30 mil dirigentes no café arábica e 32,4 mil na codireção, já, no café canéfora 10,6 mil dirigentes no café e na codireção 15,7 mil na condição de cônjuge em codireção (ao menos parte das atividades realizadas no estabelecimento tem decisões tomadas por ambos os cônjuges sobre o que fazer e como fazer) (Ibge, 2017).

Ao longo do processo de modernização do século XXI, a feminilidade busca o seu espaço sendo peça primordial da porteira para dentro e da porteira para fora, contando suas histórias, inspirando novas gerações e dando oportunidades para a construção de suas carreiras. Dessa forma, as mulheres conquistaram seu espaço no agronegócio em geral e, estão cada vez mais sendo ouvidas e contribuindo com uma nova cafeicultura, mais sustentável, mais rentável e ainda mais gratificada (Baliza, 2023).

Em uma parceria da EPAMIG com o Sicoob Copersul, EMBRAPA e IBGE, a Expocafé Mulheres 2023 apresentou o tema “Fortalecimento de Lideranças Femininas na Cafeicultura”. Visto que, o tema proposto está cada vez mais em ascensão e a importância, renome das mulheres sendo cafeicultoras, administradoras, Engenheiras Agrônomas, proprietárias, trabalhadoras rurais, baristas, meeiras, arrendatárias, etc., estão cada vez mais inseridas dentro de toda a cafeicultura brasileira (Ferreira et al., 1998). Enfim, elas estão em todos os lugares cada dia mais conquistando o seu espaço e sendo visíveis a toda população.

Portanto, o protagonismo das mulheres é devido primordialmente a competência deste gênero, a paixão, dedicação e o toque feminino inserido em todas as etapas advindas do trabalho. Dessa maneira, a liderança se faz presente e o empoderamento feminino é interligado ao intelecto e não a comparações de gênero, assim, quebrando todos os tabus impostos no século passado (Baliza, 2023).

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada durante os meses de julho a outubro de 2023 com as mulheres do café do Sul de Minas Gerais. Os municípios onde residem as entrevistadas aconteceram em: Coqueiral, Boa Esperança, Três Pontas e Nepomuceno onde, os critérios selecionados para escolha da região foram de acordo com a localização das mesmas e facilidade de acesso para as entrevistadas e a entrevistadora.

A presente pesquisa foi introduzida com estatística qualitativa, visto que, foi realizada a coleta de dados com um questionário inserido no Apêndice A totalizando 20 questões. Com isso, as entrevistas foram realizadas de forma presencial, viabilizando o contato direto com as mulheres em destaque e também uma troca de conhecimento. Ao longo da pesquisa foram entrevistadas 61 mulheres da área do café envolvendo cafeicultoras e engenheiras agrônomas.

No início dos questionários, foi explicado de forma detalhada o objetivo do mesmo e a importância da pesquisa para o meio acadêmico, para as participantes e para a sociedade. O questionário abordou aspectos inerentes ao perfil das entrevistadas contemplando as características habituais, pessoais, profissionais e objetivas análogas ao modelo de negócio/vida de cada participante.

Dessa forma, a coleta de dados dos resultados foram tabulados e apresentados por meio de planilhas de análises descritivas abordando aspectos sociais e culturais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra de pesquisa corresponde a 61 respondentes do sexo feminino, que são da região do Sul de Minas Gerais das cidades de Boa Esperança, Coqueiral, Nepomuceno e Três Pontas.

O primeiro aspecto a ser avaliado com a finalidade de caracterizar o perfil desses representantes da cafeicultura é a faixa etária. Como mostra a Figura 1 o maior percentual (31,10%) é de mulheres entre 27 a 35 anos, seguido da faixa etária de mulheres entre 36 a 44 anos que corresponderam a 29,50% do total. As demais respondentes com idade de 18 a 26 anos e acima dos 45 anos representaram respectivamente 23% e 16,40%. Assim, é notório que as faixas etárias apresentaram um equilíbrio entre os resultados. Esses dados corroboram com os dados obtidos por Zenith et al. (2019) o qual verificou que as mulheres presentes na cafeicultura do Campo das Vertentes eram 50% jovens entre 18 a 35 anos e apenas 36% das mulheres possuíam idade entre 36 a 59 anos. Em outro estudo, sobre a dinâmica das relações de gênero no setor produtivo da cafeicultura, entrevistaram 25 mulheres no município da Barra

do Choça na Bahia e verificaram que a idade das mulheres variava entre 20 e 50 anos ou acima de 50 (Meira et al., 2013). Já em outro estudo realizado com mulheres da cadeia produtiva do café da cidade de Bom Sucesso – Minas Gerais, os autores verificaram que a maioria das produtoras de café cooperadas tinham entre 36 a 45 anos (Baliza et al., 2018).

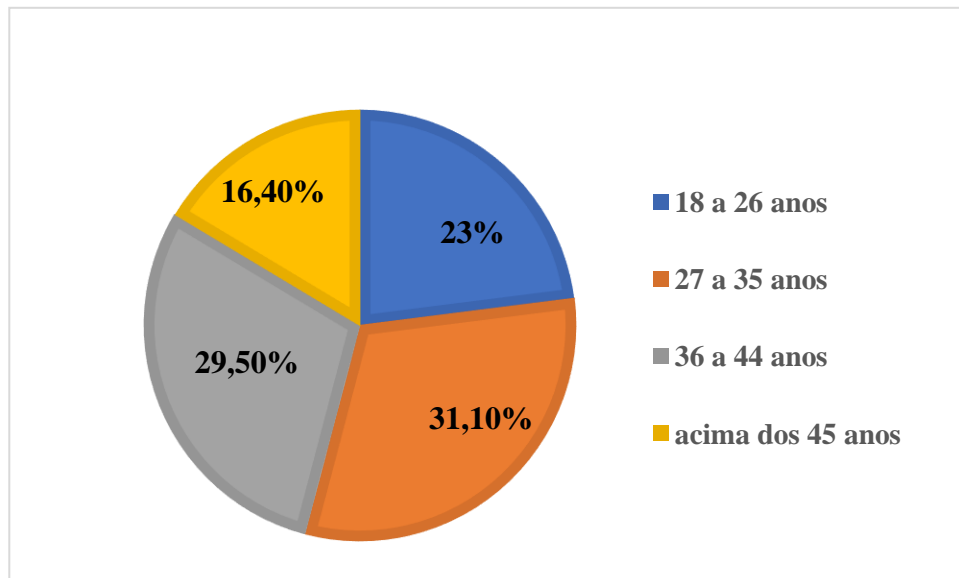


Figura 1. Faixa etária das entrevistadas.

Com relação ao grau de escolaridade, as mulheres entrevistadas apresentam um elevado nível de qualificação. Como retrata a Figura 2 das participantes da entrevista onde, 40% responderam possuir ensino superior completo, já 16% possuem pós-graduação e 33% ensino médio completo e apenas 10% possuem ensino médio incompleto. Ferreira et al. (2018) fortalece esses dados em sua pesquisa na qual 58% das mulheres afirmaram ter formação de nível superior ou pós-graduação. Resultado semelhante foi verificado por Zentih et al. (2019) ao analisarem as potencialidades e desafios das mulheres na cafeicultura na região Campos das Vertentes em que os autores encontraram 75% das mulheres com curso superior ou pós-graduação. Outros resultados semelhantes foram verificados por Ferreira et al. (2017) ao analisar o perfil de 737 mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil e observaram que 58% das mulheres possuem ensino superior ou pós-graduação.

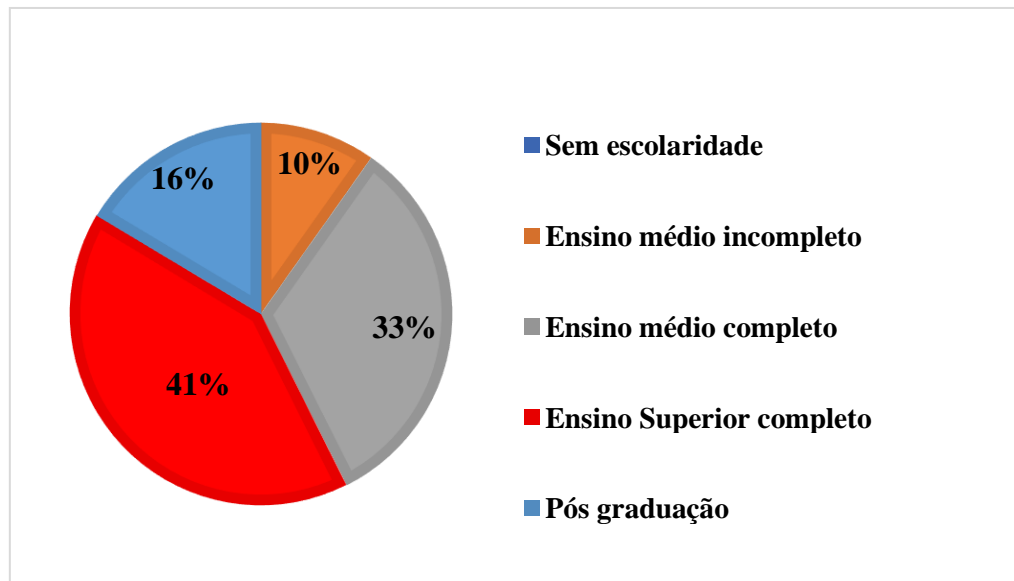


Figura 2. Grau de escolaridade das entrevistadas.

Como retrata a Figura 3 das participantes da entrevista a maioria das entrevistadas (49,2%) disseram ser solteiras, enquanto, 45,9% afirmaram serem casadas, as viúvas representaram 4%, e 1% disseram possuir “outro” estado civil (Figura 3). Resultados semelhantes foram encontrados por Souza et al. (2018) que em seu trabalho sobre a inserção das mulheres em uma cooperativa agrícola de Santa Carina encontrou que 50% das mulheres eram casadas e desse valor 72,22% eram esposas de associados da cooperativa e não associadas. Em outro trabalho realizado no Rio Grande do Sul com grupos de mulheres do meio rural, o autor encontrou que 71% das entrevistadas eram casadas e apenas 7% responderam estarem solteiras (Pedroso; Tirelli, 2017).

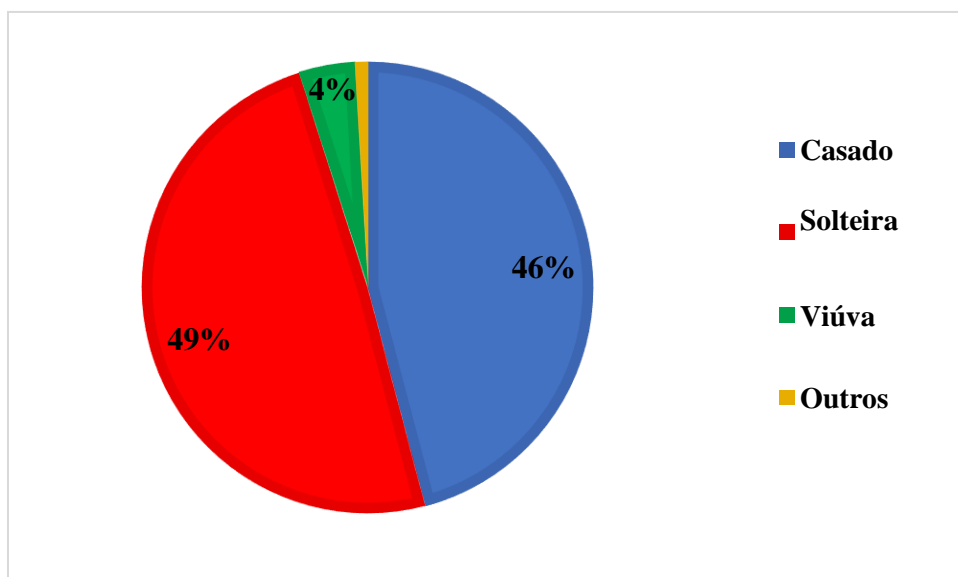


Figura 3. Estado civil das entrevistadas.

Em relação ao número de filhos (Figura 4) evidenciou-se que a maioria das entrevistadas (40%) 4 ou mais filhos, as que possuem 3 filhos representaram (30%) e as demais com 1 e 2 filhos representaram respectivamente 10% e 20%. Segundo Yannoulas (2002) o estado civil e os filhos em residência, seja urbana ou rural são fatores levados em consideração pelas mulheres durante as escolhas profissionais.

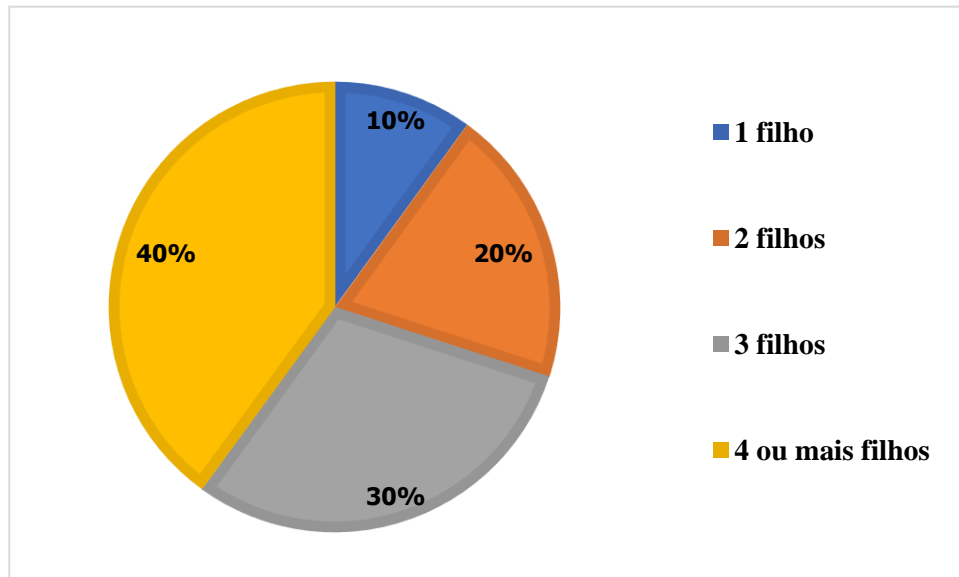


Figura 4. Número de filhos.

Com relação a profissão na área de atuação no setor da cafeicultura evidenciou-se um grande aumento das mulheres como cafeicultoras. Sendo que, como retratado na Figura 5, a grande maioria das entrevistadas (75%) são cafeicultoras, seguido de 18% engenheiras agrônomas, 5% administradoras e 2% ocupam outra profissão dentro da cadeia cafeeira. Esse fenômeno também foi observado na pesquisa “Elas Fazendo História” (Agroligadas, 2021), onde 69% das mulheres entrevistadas são proprietárias/sociais das propriedades rurais. Essa pesquisa corrobora com a pesquisa realizada pela Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) que observou que 59,2% das mulheres que atuam na área agrícola são proprietárias ou sócias das propriedade rurais, onde, 30,5% fazem parte da diretoria e atuam como gerentes, administradores ou coordenadoras e 10,4% são funcionárias e colaboradoras Outra pesquisa realizada em julho de 2017 pelo Instituto de Pesquisa IPESO com a finalidade de demonstrar a atuação da mulher no agronegócio mostrou que 59,2% são cafeicultoras ou sócias na propriedade (Abag, 2017).

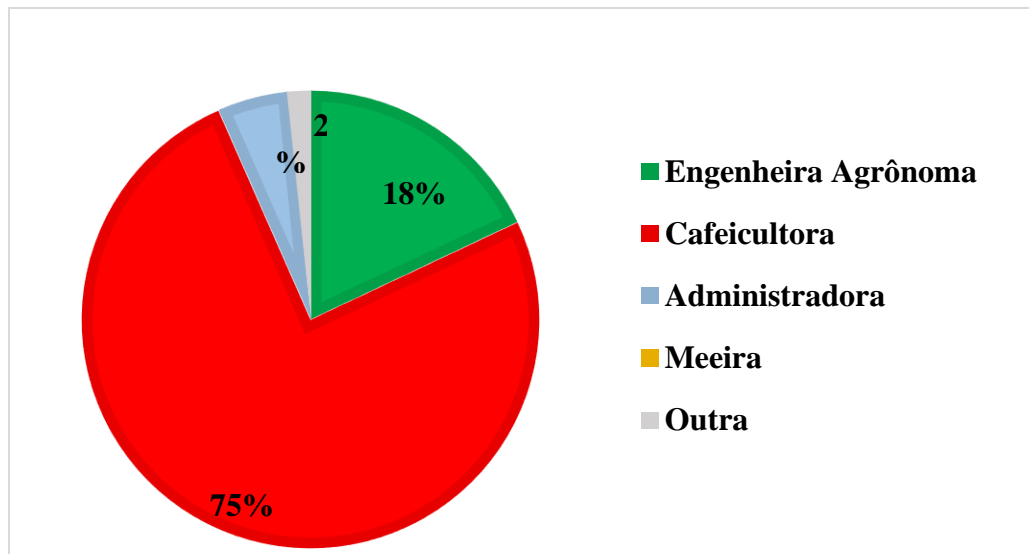


Figura 5. Profissão na área de atuação no setor da cafeicultura.

Em relação ao número de mulheres na família que trabalham com café, observou-se que a maioria das entrevistadas (68%) possuem 1 mulher na família que trabalha com café, seguido de 20% que corresponde a 2 mulheres na família que trabalham com café. As demais responderam que possuem 3 mulheres na família (4%) e as que possuem 4 ou mais mulheres na família que trabalham com café corresponderam a 8%. Ao longo da história, há registros de casos em que mulheres assumiram a direção das fazendas em casos de ausência com o homem da família. Nesses casos, elas se encontram perante à uma situação de necessidade e tendem a assumir o negócio rural (Auad, 2003). Resultados contrários foram encontrados na pesquisa de IWCA (2017) onde, observaram que, a grande maioria (76,8%) possui mais de uma mulher na família que trabalha com café.

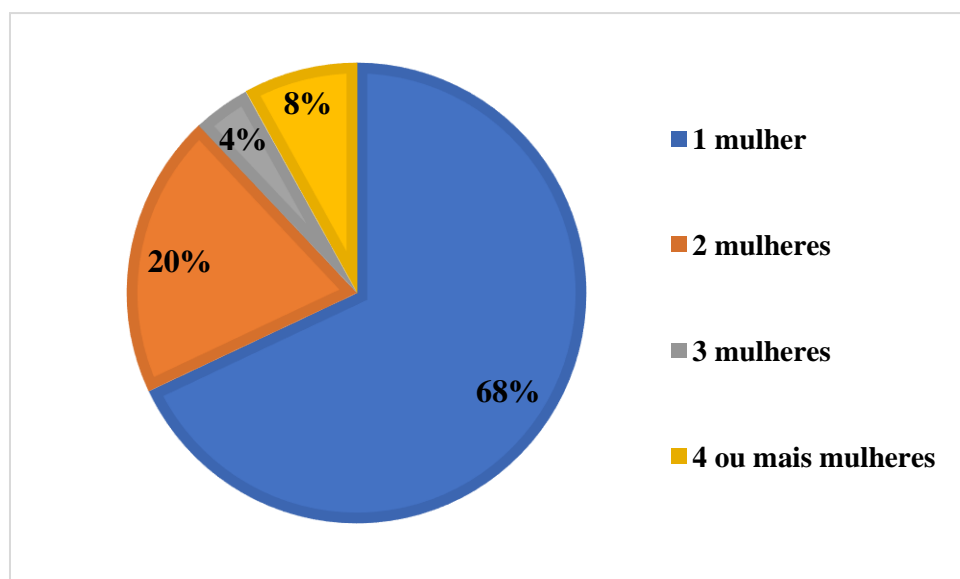


Figura 6. Quantas mulheres na família trabalham com café

Em relação a empregabilidade das mulheres nos dias atuais, evidenciou-se que a maioria das entrevistadas (75,40%) responderam que acreditam que a empregabilidade das mulheres aumentou sim, já as demais responderam que essa empregabilidade aumentou em partes (23%) e 1,6% disseram que o setor da cafeicultura sempre empregou na mesma constância. De acordo com uma pesquisa realizada em 2018 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), as mulheres ocupam 34% dos cargos de gerência do agronegócio brasileiro. Os dados dos dois últimos Censos Agropecuários (de 2006 e 2017) mostram que houve um aumento de 44,16% no número de estabelecimentos administrados por mulheres.

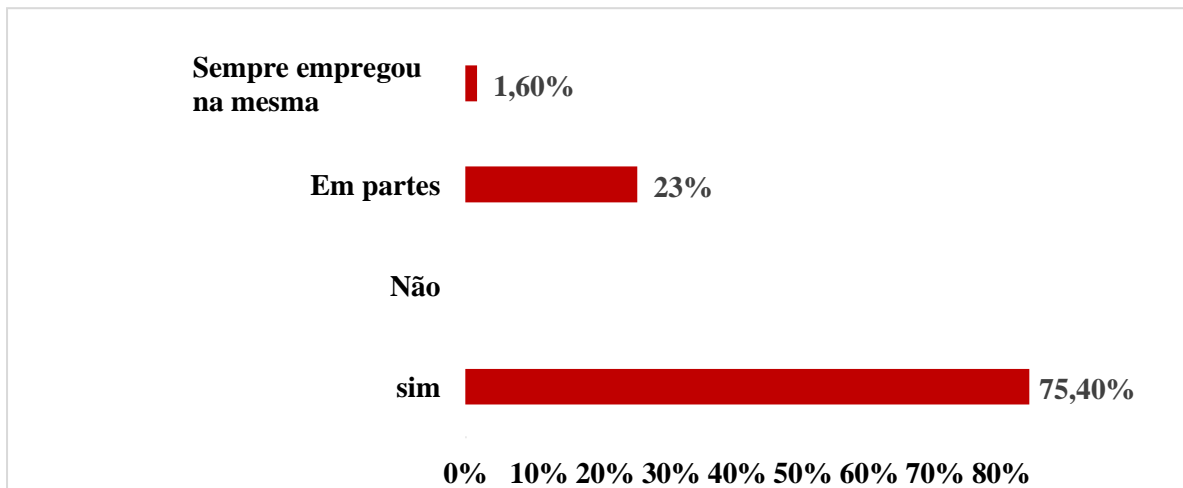


Figura 7. Empregabilidade das mulheres nos dias atuais.

Em relação ao modelo de negócio observou-se que a maioria das entrevistadas 66% vendem seu café para a cooperativa, seguido de 18% que corresponde as mulheres que não tem um negócio específico, 11% possui outro modelo de negócio. As demais responderam que exportam o café 8% e as que vendem o seu café em embalagens corresponderam a 4%.

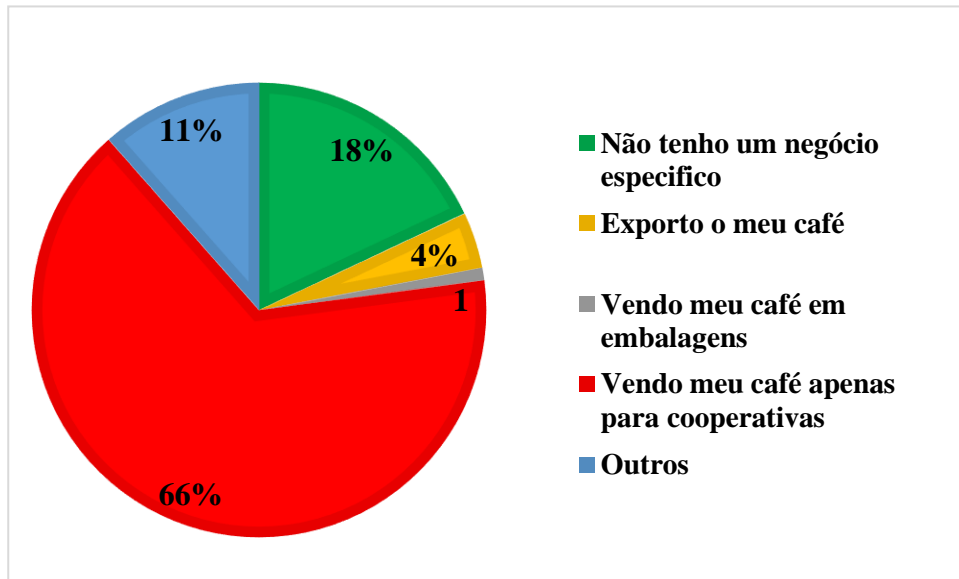


Figura 8. Modelo de negócio.

E quando perguntado às entrevistadas “Se elas procuram se qualificar com frequência?”, observou-se que a maioria das entrevistadas (47,5%) responderam que procuram se qualificar com frequência, seguido de 29,5% que procuram se qualificar sempre que aparecem qualificações. As demais responderam que muito pouco (21,3%) e as que responderam quase nunca corresponderam a 1,7%. Em um estudo que avaliou a distribuição espacial das mulheres na direção dos estabelecimentos agropecuários no Brasil, Estanislau et al. (2021), relatou que a formação profissional das gestoras foi o fator mais importante para a expansão dos estabelecimentos agrícolas administrados por mulheres em 2017 que aumentou em 44% comparado com o ano de 2006.

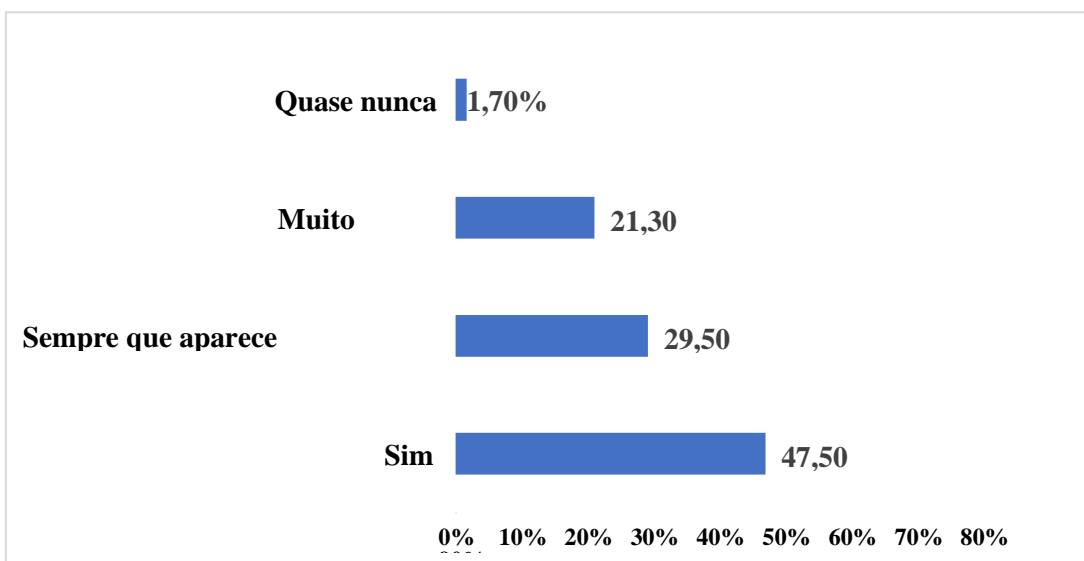


Figura 9. Frequência de qualificação

5 CONCLUSÃO

Ao final da pesquisa, evidenciou-se que a maioria das mulheres possuem de 27 a 35 anos com o ensino superior completo, sendo mãe de 4 ou mais filhos, atuando como cafeicultoras que vendem em grande maioria seu café para cooperativas e que buscam se qualificar com frequência.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- AGROLIGADAS. Elas fazendo história. 2021. Disponível em: https://abag.com.br/wpcontent/uploads/2022/03/Ebook_Agroligadas_final.pdf. Acesso em: 28 out. 23.
- ASSUNÇÃO, J. C., MAYARA A. D. A. "Empreendedorismo feminino: um estudo no estado de Minas Gerais." **Revista GeTeC 7.16** (2018).
- BALIZA, D.P. et al. Perfil Das Mulheres Na Cadeia Produtiva Do Café no Município de Bom Sucesso – Mg. **Gênero**, Niterói, v.18, n.1, p.075-097, nov. 2018.
- ESTANISLAU, P. et al., (2021). Spatial distribution of agricultural farms led by women in Brazil. **Revista de economia e Sociologia Rural**, v. 59, e222800.
- FERREIRA, W. P. W. et al. Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil (fase 1). In: ARZABE, C. et. al. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília, DF: Embrapa, p. 22 – 38, 2018.
- FERREIRA, W. P. M. Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil (fase 1). In: ARZABE, Cristina et al. **Mulheres do Café**. Brasília -DF. Embrapa. 2017. p. 20-36
- MEIRA, Ariana Lisboa, et al. Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia. In: VIII Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, 2013, Salvador. Brasília: EMBRAPA Café; 2013.
- MILTERSTEINER, R. K., et al. "Liderança feminina: percepções, reflexões e desafios na administração pública." **Cadernos EBAPE**. BR 18 (2020): 406-423.
- PEDROSO, A. M. C.; TIRELLI, C. Gênero, redes e capital social no meio rural: a experiência dos grupos de mulheres no município de São Sepé-RS. **Ágora**, v. 19, n. 1, p. 20-33, 2017.
- REIS, T. Boletins de mercado. **Empreendedorismo Feminino SEBRAE**. (2023)
- SANTOS, P. R. P., ARIANA L. M., SANDRA E. S. "Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no Município da Barra do Choça, Bahia." **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional** p.60-80, 2018.

SILVA, J. G. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. Estudos Avançados. Dez 2001, vol.15, n.43, p.37-50. Disponível em: Acesso em: 29 set. 2008.

SOUZA, E. T. et al. Inserção das mulheres em uma cooperativa agrícola do sul de Santa Catarina: programa mulheres cooperativistas. **Ambiência, Guarapuava, PR**, v.14, n.2, p.315-330, 2018.

IWCA Brasil. “Trilha de aprendizagem: Sucesso na comercialização de café”. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zs7c3BF9IUY> Acesso em: 17.mai.2023

WIVALDO, J. N. S., BALIZA, D. P., ARZABE, C., MACIEIRA, J. C., ALVES, H. M. R., & PEREIRA, S. P. (2019). Uma abordagem sobre o perfil da mulher na Semana Internacional do Café.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Dossiê**: Políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho. Brasília: CFEMEA, 2002.

ZENIT, L. A. et al. Mulheres da cafeicultura no Campo das Vertentes-MG: potencialidades e desafios. 2019. In: X SIMPÓSIO DE PESQUISA DOS CAFÉS DO BRASIL, 2019, Vitória, ES. **Anais** [...]. [S. l.: s. n.], 2019.